

Antifascistas da Resistência

26 octobre 2020

ARTUR AUGUSTO DA SILVA (1912 – 1983)

Advogado, escritor e jornalista, nascido em Cabo Verde, combateu na Resistência antifascista, em Portugal. Defendeu dezenas de presos políticos, durante a Ditadura. Esteve preso em Caxias e foi juiz em Bissau, depois da independência. Intelectual de referência na Oposição à Ditadura, teve um papel importante na vida cultural portuguesa e guineense.

Artur Augusto da Silva nasceu em Nova Sintra, ilha Brava, Cabo Verde, em 14 de Outubro de 1912 e faleceu em Bissau em 11 de Julho de 1983. Filho de um comerciante, em Farim, Henrique Augusto da Silva, e de Margarida Benvinda Barbosa da Silva, Artur Augusto viveu com os pais na Guiné (Farim) até vir com eles para Lisboa, aos 8 anos. Só iria regressar à Guiné quase 30 anos depois.

Estudou no Liceu Camões, onde foi colega de Álvaro Cunhal, ambos participantes nas actividades da Associação Académica do Liceu; e, em 1932, seriam novamente colegas na Faculdade de Direito de Lisboa.

Em 1938 licenciou-se em Direito e partiu para Angola no ano seguinte. Trabalha então como Secretário do Governador Geral, mas permanece pouco tempo naquela colónia. [O romance *A grande aventura*, que publica em 1941, reflecte a sua experiência de vida, neste período]. Casa, em 1940, com Clara Schwarz [1915 – 2016] e vão viver para Alcobaça, onde se lhe abrem melhores perspectivas de advocacia. De 1941 a 1949 exerce advocacia em Lisboa, em Alcobaça e em Porto de Mós.

Artur Augusto participou nas actividades do MUD (Movimento de Unidade Democrática), desde 1945 até ele ser ilegalizado, em 1947. Fez parte da Comissão Executiva do MUD para a região de Leiria. Em 1949, envolveu-se na campanha presidencial de Norton de Matos. Entretanto, começa a ser citado em documentos de informação interna da PIDE, relativos a indivíduos suspeitos de pertencer ao Partido Comunista. Um deles é o carteiro em Alcobaça que alega que foi Artur

Silva que o convidou para ser membro do PCP em 1947. [Em 1948, o Diário de Lisboa e outros jornais, noticiaram que iria ser preso].

Na iminência de ser preso devido às suas actividades políticas, e com a repressão violenta que se abatia sobre os antifascistas envolvidos nas eleições de Norton de Matos, Artur Augusto decide partir para a Guiné (Bissau), para ali prosseguir na advocacia. Fáz-lo com um sentimento pesado de frustração pela derrota política, ao deixar para trás o Movimento de Unidade Democrática, desfeito, Leiria e Alcobaça, a mulher e dois filhos, que em 1949 se juntaram a ele. Mal chega a Bissau decide retomar a escrita de poemas. Dois deles, nunca publicados, são particularmente reveladores do seu espírito de cidadão da Resistência: um sobre “O homem novo num mundo livre” e outro sobre o Tarrafal.

De 1949 a 1966 vive em Bissau. Foi advogado, notário e substituto do Delegado do Procurador da República; e também presidente da Cruz Vermelha. Foi Membro do Centro de Estudos da Guiné, juntamente com Amílcar Cabral, de quem era grande amigo e com quem manteve grande proximidade, na primeira metade da década de 1950. Sempre sob o controlo apertado da PSP e da PIDE.

Na Guiné, foi, com Clara Schwarz, um dos intelectuais que trabalharam para erguer o Colégio Liceu de Bissau (mais tarde, Liceu Honório Barreto e Liceu Nacional Kwame N'Krumah). O Liceu iniciou suas actividades em 1950 e ele chegou a ser ali professor.

Visitou vários países africanos, recolhendo elementos que mais tarde lhe serviriam para escrever, entre outros livros, “Os Usos e Costumes Jurídicos dos Fulas”. [No processo da PIDE que se encontra na Torre do Tombo aparece uma nota datada de Dezembro 1965, em que a PIDE considera como altamente subversivo um conto de Natal].

Chegado à Guiné, em 1949, continuou a defender presos políticos. Foi defensor de presos políticos em 61 julgamentos, um dos quais com 23 réus. Esse foi um dos comprometimentos cívicos em que mais se empenhou, enfrentando os juízes dos tribunais fascistas com assinalável coragem (1).

Em 26 de Agosto de 1966, já em plena luta da libertação da Guiné, é preso pela PIDE, no aeroporto de Lisboa, e só é libertado a 28 de Dezembro desse ano (2). Ficou preso durante cinco meses e, quando

libertado, é impedido de regressar à Guiné, sendo-lhe fixada residência em Lisboa. Só volta após a independência. Em 1976, de visita à Guiné-Bissau, foi convidado pelo então Presidente Luís Cabral a trabalhar como juiz no Supremo Tribunal de Justiça. Leccionou Direito Consuetudinário na Escola de Direito de Bissau.

Até falecer, aos 70 anos, Artur Augusto viveu em Bissau com Clara Schwarz [1915 – 2016], com quem teve três filhos. São pais dos economistas Henrique Augusto Schwarz da Silva e João Schwarz da Silva e do agrónomo guineense Carlos Schwarz da Silva.

Clara Schwarz foi professora de Francês no Liceu Honório Barreto, em Bissau, e morreu aos 102 anos em Oeiras.

Artur Augusto da Silva, além da actividade como jurista, teve intensa actividade ligada ao mundo das Letras. Escreveu poesia, romance e ensaios e, desde muito jovem, começou a escrever em revistas. Ainda estudante, foi Director da revista “Momento”, réplica lisboeta da coimbrã “Presença” [onde se propunha com outros literatos jovens abrir uma “Tribuna Livre” em que livremente se discutisse e todos pudessem falar]. Foi amigo de Fernando Pessoa. Com o amigo Thomaz de Melo lançou em 1936, a revista de Arte “Cartaz”. Contribuiu com poemas para a revista Cabo Verdiana Claridade.

Publicou vários artigos, fez reportagens, organizou e dirigiu saraus literários e exposições de arte moderna; promoveu conferências culturais em Lisboa: na Casa da Imprensa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, no Grémio Alentejano; e também em outros locais de Portugal. Durante o período de prisão no Forte de Caxias, Artur Silva dedicou uma parte do tempo à escrita de contos, que foram publicados em 2006. Publicou na separata Artes e Letras do Diário de Notícias a 24 de Maio de 1973 um conto inédito, intitulado “Os Homens Lobos”. Os seus livros sobre os usos e costumes jurídicos dos Fulas, Felupes e Mandingas são considerados estudos muito completos sobre o povo da Guiné.

“E o poeta pegou num pedaço de papel e escreveu poemas” é uma edição póstuma que ficou a cargo do Centro Cultural Português na Guiné-Bissau (Dezembro de 1997); e o levantamento poético ficou a cargo de Carlos Schwarz da Silva, seu filho.

«É autor de poemas solares, das reminiscências da infância, dos valores telúricos, neles circulam o sangue da lusofonia em toda a sua plenitude, a luxuriante vertigem das paisagens tropicais, a exaltação etnográfica e etnológica. Nenhum poeta luso-guineense é tão caprichoso no uso da língua portuguesa, nela vazando, por formas glorificadas, as gentes e a natureza guineense. É uma escassa colectânea de poemas, fazem ressaltar um ânimo maravilhoso e maravilhado, terá sido um homem de bonomia, de solicitude, um adaptador da língua e da cultura portuguesa aos valores de uma Pátria emergente» [Mário Beja Santos, em “Notas de leitura: Poemas, de Artur Augusto da Silva”]

A Biblioteca de Artur Augusto Silva foi doada à FCSH da Universidade Nova de Lisboa e, apesar de pequena, contém importantes colecções de fontes documentais para o estudo da Expansão Portuguesa.

A Obra publicada encontra-se explicitada na íntegra (de 1931 a 2006) em https://pt.wikipedia.org/wiki/Artur_Augusto_da_Silva

Notas:

(1) Durante esses julgamentos fazia questão de mostrar a incoerência das acusações da PIDE e sua capacidade no fabrico de provas falsas. Em Setembro de 1961, um telegrama da Interpol refere o facto de Artur da Silva ter tratado a PIDE de assassinos. Foi advogado de João Faria Borda (Revolta dos Marinheiros), que viria a cumprir 17 anos de prisão no Tarrafal.

(2) Em 1964 foi vogal do Conselho do Governo da Guiné na altura em que era governador o brigadeiro Arnaldo Schulz. Foi este que o mandou prender à chegada ao aeroporto de Lisboa.

Em 1967, Marcelo Caetano convidou-o para ir trabalhar como advogado na Companhia de Seguros Bonança; e também Adriano Moreira o convidou para leccionar no Instituto de Ciências Ultramarinas, o que recusou, fazendo ver ao portador do convite a incoerência de o terem prendido pelas suas ideias sobre o colonialismo português e depois o convidarem para leccionar matérias relacionadas com África.

Biografia da autoria de Helena Pato

Fontes:

- <http://www.desgensinteressants.org/artur.../index.html>
- Artur Augusto da Silva, blogue Silêncios e Memórias
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Artur_Augusto_da_Silva
- <https://www.fcsh.unl.pt/.../bmsc/doacao-augusto-silva/>
- <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/.../guine...>
- <https://blogueforanadaevaotres.blogspot.com/.../guine...>

Fotografias em comentários divulgadas no site: <http://www.desgensinteressants.org/artur.../index.html>





Em 1954, Helena e Amílcar Cabral estão com o casal Artur Augusto e Clara.



ARTUR AUGUSTO FERREIRA NEVES E SILVA - advogado

T
T O A S S
T O M A S S

Em 15 de Setembro de 1964, foi julgado no Tribunal Militar Territorial da Guiné, o nacional NUI DAS NEVES BARRETO, sob a acusação de favorecer as actividades subversivas de organizações terroristas.

O NUI foi absolvido pelo referido Tribunal, parece que devido à acção do dr. AUGUSTO SILVA, seu advogado de defesa, que, segundo a Subdelegação desta Polícia na Guiné, "manobrou" o Tribunal a seu belo prazer.

Vide proc.º S.R. do NUI DAS NEVES BARRETO

14/10/64

